

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos. Trajetórias educativas. Mulheres. Educação popular.

**Eixo:** Práticas educativas na EJA em diferentes contextos

### Introdução

Falar de Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EPJA) na América Latina implica, quase inevitavelmente, falar de vidas interrompidas. Interrompidas pela pobreza, pelo trabalho precoce, pela maternidade precoce, pela desigualdade de gênero e por um sistema educacional que historicamente não foi pensado para aqueles que precisavam sobreviver antes de estudar. Na Colômbia, essas interrupções não são a exceção, mas a regra, especialmente em contextos rurais e populares.

Este relato de experiência nasce de uma história familiar atravessada por essas interrupções. Quatro gerações de mulheres, minha bisavó, minha avó, minha mãe e eu, configuram uma linhagem feminina na qual a educação aparece de forma fragmentada, tardia, noturna ou, em alguns casos, apenas insinuada. Por meio de suas trajetórias educativas, é possível compreender como a EPJA não funciona apenas como uma modalidade educacional, mas como uma estratégia de resistência e reparação histórica. O objetivo deste trabalho é analisar a EPJA na Colômbia a partir de uma experiência familiar, reconhecendo como as condições sociais e de gênero moldam o acesso à educação e como, apesar disso, a educação se mantém como um horizonte de esperança. Esta análise fundamenta-se na pedagogia crítica e na educação popular, especialmente nas contribuições de Paulo Freire (1987), que entende a educação como uma prática profundamente ligada à vida e à história dos sujeitos.

### Metodologia

Este relato de experiência constrói-se a partir de uma perspectiva qualitativa e narrativa, na qual a pesquisa não se separa da vida, mas emerge dela. A escolha do relato como caminho metodológico responde à compreensão de que as trajetórias educativas na Educação de Jovens e Adultos não podem ser apreendidas apenas por meio de dados quantificáveis, mas exigem ser narradas, interpretadas e situadas em contextos históricos e afetivos concretos.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB- PPGED. [2025m0084@uesb.edu.br](mailto:2025m0084@uesb.edu.br) l: autor\_1

A experiência relatada apoia-se em memórias familiares transmitidas oralmente ao longo do tempo, em lembranças pessoais e em uma reflexão autobiográfica que dialoga com o campo da Educação de Jovens e Adultos. Seguindo Larrosa (2002), a experiência aqui não é entendida como um simples acontecimento vivido, mas como aquilo que deixa marcas, que transforma e que, ao ser narrado, adquire sentido pedagógico. Desse modo, a escrita torna-se tanto um exercício investigativo quanto um processo de elaboração crítica da própria história.

A análise das trajetórias educativas da minha bisavó, da minha avó, da minha mãe e da minha própria trajetória não busca estabelecer comparações lineares nem generalizações, mas compreender como a educação aparece, se interrompe e se ressignifica em diferentes momentos da vida, especialmente em contextos marcados pela pobreza, pelo trabalho precoce e pela desigualdade de gênero. Essas histórias são lidas à luz de aportes teóricos da pedagogia crítica e da educação popular, particularmente de Paulo Freire (1987), e de autores que refletem sobre a EPJA na América Latina, permitindo que a teoria dialogue com a experiência e não se imponha sobre ela. Assim, o percurso metodológico configura-se como um tecido entre memória, narração e reflexão teórica, no qual a voz de quem narra não é um obstáculo ao rigor acadêmico, mas uma fonte legítima de conhecimento. Nessa perspectiva, o relato de experiência assume-se como uma forma de produção de saber que reconhece os sujeitos da EPJA como protagonistas de suas próprias histórias educativas e como portadores de conhecimentos construídos na e a partir da vida.

### **O relato e seu diálogo com a Educação de Pessoas Jovens e Adultas**

Minha bisavó foi uma mulher camponesa, profundamente pobre, nascida em um contexto em que a escola era um privilégio distante. Não aprendeu a ler nem a escrever de maneira convencional. No entanto, aprendeu a assinar o próprio nome. Esse gesto mínimo, traçar letras que a representavam, permitiu-lhe existir diante de documentos, contratos e decisões que, de outro modo, a teriam silenciado. Paulo Freire (1987) afirma que o analfabetismo não é uma incapacidade individual, mas uma expressão da injustiça social. A vida da minha bisavó confirma essa afirmação. Sua relação com a escrita não foi fruto de uma escolha, mas de um sistema que negou a educação às mulheres camponesas. Casada muito jovem e mãe de cinco filhos, seu mundo foi marcado pela terra, pelo trabalho e pela sobrevivência. Ainda assim, em suas palavras e decisões, sempre esteve presente a ideia de que “estudar é importante”, semeando um desejo educativo que não pôde viver, mas pôde herdar.

Minha avó conseguiu estudar até o quinto ano do ensino fundamental. Sua saída da escola ocorreu quando ainda era criança, obrigada a trabalhar em casas de família para ajudar economicamente os seus. Não foi uma evasão voluntária, mas uma exclusão silenciosa, daquelas que não aparecem nas estatísticas, mas que configuram a realidade da EPJA. Arroyo (2017) sustenta que

as trajetórias educativas de jovens e adultos são marcadas pela desigualdade, e não pela falta de interesse. Minha avó encarna essa afirmação. Sabia ler e escrever, valorizava profundamente a escola, mas o trabalho e o casamento com um homem muito mais velho do que ela selou definitivamente seu afastamento do sistema educacional. Sua experiência mostra como a educação das mulheres foi historicamente subordinada às necessidades econômicas e familiares.

Minha mãe foi uma jovem marcada por seu tempo e seu contexto. Engravidou aos 18 anos e teve que abandonar a escola para trabalhar. Seu salário transformou-se em leite, fraldas, sapatos e sustento. Durante anos, a educação ficou suspensa, não esquecida. Foi por meio da validação de estudos, modalidade da EPJA na Colômbia, que minha mãe pôde concluir a escola, frequentando aulas noturnas após longas jornadas de trabalho. Gadotti (2009) afirma que a EPJA existe porque a escola tradicional não soube acolher a todos. A experiência da minha mãe confirma essa ideia: a EPJA surge quando a vida não se encaixa nos horários escolares. No entanto, também se evidenciam os limites dessa modalidade: o cansaço, a dupla jornada e a falta de condições para seguir para a educação superior. Ainda assim, concluir a escola significou dignidade, reconhecimento e a possibilidade de imaginar um futuro diferente para sua filha.

Eu sou a primeira mulher dessa linhagem feminina a acessar o ensino superior e que atualmente cursa um mestrado em outro país. Essa conquista não é um ponto de chegada individual, mas o resultado de um processo coletivo e intergeracional. Em mim habitam os sonhos adiados da minha bisavó, as renúncias da minha avó e o esforço noturno da minha mãe. Freire (1987) assinala que ninguém se educa sozinho; educamo-nos em comunhão. Minha trajetória educativa é prova disso. Cada passo que dou é sustentado por uma história de luta feminina em que a educação sempre foi desejada, embora nem sempre possível.

### **Considerações finais**

Este relato de experiência permitiu compreender a Educação de Jovens e Adultos na Colômbia como um processo profundamente humano, atravessado pela desigualdade, mas também pela esperança. A partir de uma linhagem feminina, evidenciou-se que a EPJA não oferece apenas escolarização, mas também restitui direitos negados e ressignifica trajetórias de vida. Os objetivos do trabalho foram alcançados ao analisar as experiências educativas familiares em diálogo com a literatura, demonstrando que a EPJA constitui uma resposta necessária, embora ainda insuficiente, frente às desigualdades históricas. Este relato contribui para dar visibilidade às vozes de mulheres cujas histórias raramente ocupam espaços acadêmicos, mas que sustentam, a partir da vida cotidiana, o sentido mais profundo da educação.

### **Referências**

ARROYO, M. G. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidades públicas. Petrópolis: Vozes, 2017. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/539635764/Miguel-Arroyo-a-Educacao-de-Jovens-e-Adultos>. Acesso em: 14 dez. 2025.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. México: Siglo XXI, 1987. Disponível em: <https://www.servicioskoinonia.org/biblioteca/general/FreirePedagogiadelOprimido.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2025.

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (org.). Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2009. Disponível em:

[https://gadotti.org.br/bitstream/123456789/525/1/AMG\\_BIB\\_09\\_002.pdf](https://gadotti.org.br/bitstream/123456789/525/1/AMG_BIB_09_002.pdf) . Acesso em: 14 dez. 2025.

LARROSA, J. Notas sobre la experiencia y el saber de la experiencia. Barcelona: Laertes, 2002. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Diego-Suarez-Vivas/publication/327561126\\_Notas\\_sobre\\_la\\_experiencia\\_y\\_el\\_saber\\_de\\_la\\_experiencia\\_Autor\\_Jorge\\_Larrosa\\_Bondia\\_Traduccion\\_del\\_portugues\\_al\\_castellano\\_de\\_Diego\\_Mauricio\\_Suarez\\_Vivas/links/5b96a9a3a6fdccfd543cbd3b/Notas-sobre-la-experiencia-y-el-saber-de-la-experiencia-Autor-Jorge-Larrosa-Bondia-Traduccion-del-portugues-al-castellano-de-Diego-Mauricio-Suarez-Vivas.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Diego-Suarez-Vivas/publication/327561126_Notas_sobre_la_experiencia_y_el_saber_de_la_experiencia_Autor_Jorge_Larrosa_Bondia_Traduccion_del_portugues_al_castellano_de_Diego_Mauricio_Suarez_Vivas/links/5b96a9a3a6fdccfd543cbd3b/Notas-sobre-la-experiencia-y-el-saber-de-la-experiencia-Autor-Jorge-Larrosa-Bondia-Traduccion-del-portugues-al-castellano-de-Diego-Mauricio-Suarez-Vivas.pdf). Acesso em: 14 dez. 2025.